

TAXONOMIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO:¹ uma análise das categorias utilizadas pelo Movimento Justiça Climática

Ana Paula Sallum Nicoletti²
Thífani Postali³

RESUMO

Este trabalho analisa como o Movimento Justiça Climática (MJC), por meio de estratégias de comunicação popular, luta pela preservação do rio Sorocaba frente à negligência do poder público diante dos impactos socioambientais da obra da marginal direita. A partir da Melo, investiga os gêneros e formatos folkcomunicacionais utilizados em encontros presenciais e digitais. Como metodologia, faz uso de levantamento bibliográfico e etnografia na cidade, a partir de Magnani, para a observação do movimento em duas manifestações presenciais e nos canais digitais Instagram e WhatsApp, entre outubro de 2024 e abril de 2025. Observa-se que o movimento articula elementos dos gêneros folkcomunicacionais oral, visual e cinético, apostatando em expressões culturais populares como práticas de resistência e disputa simbólica.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Taxonomia da Folkcomunicação, Movimento social popular; Rio Sorocaba.

CORPO DO TEXTO

O rio que dá nome à cidade de Sorocaba, localizada no interior de São Paulo, é — e sempre foi — tratado como mero recurso econômico, submetido à lógica do capital. Na perspectiva do pensador indígena Ailton Krenak (2019), isso ocorre porque a humanidade se enxerga como centro do universo, não como parte do organismo Terra. Ao se colocar acima da natureza e dos demais seres vivos, rompe com a ideia de coexistência e nega a interdependência entre todos os elementos que sustentam a vida no planeta. Essa crítica

¹ Trabalho apresentado para o GT 3: Folkmídia e Processos Midiáticos, integrante da programação da 22^a Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Mestranda com bolsa no Projeto Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba (Uniso/CNPq), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – São Paulo, Brasil. E-mail: anasallum9@gmail.com.

³ Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – São Paulo, Brasil. Doutora em Multimeios pela Unicamp. Diretora Científica da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação E-mail: thifanipostali@gmail.com.

se alinha ao que afirmam Manfredique, Guandique e Rosa (2015), ao refletirem sobre o Brasil como uma colônia de exploração do Império Português, cuja lógica extrativista moldou uma relação com a natureza baseada na exploração e na negligência ambiental. Tal modelo, afirmam os autores, se expressa de forma clara em Sorocaba, onde o rio foi historicamente subordinado aos interesses econômicos, com sua preservação sistematicamente ignorada.

Exemplo da devastação é o trato com o rio Sorocaba ao longo da história, que se tornou o destino de resíduos sólidos lançados pela população e químicos pelas indústrias da cidade que se tornou polo industrial. Para reverter esse cenário, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saae) iniciou, em 2000, o Programa de Despoluição do Rio Sorocaba, com investimento de R\$ 180 milhões provenientes de recursos federais e municipais (Camargo, 2022). Segundo o próprio Saae (s.d.), 70% da poluição do rio era de responsabilidade do município, o que justificou a implementação do programa como medida para garantir melhor qualidade ambiental e de vida à população. No entanto, Camargo (2022) mostra que a qualidade da água começa a decair a partir de 2019 e, em 2020, caiu para ruim, segundo relatório de Qualidade das Águas Interiores no Estado de São Paulo, elaborado pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb). Em 2025, o jornalista Paulo Andrade denunciou que o próprio Saae estaria, há pelo menos 18 meses, despejando diariamente milhões de litros de esgoto no rio Sorocaba. A denúncia, segundo Andrade (2025), partiu de funcionários da autarquia, que relataram sofrer represálias ao questionar a conduta do órgão.

Essa lógica destrutiva também está na raiz da emergência climática global. Em 2002, foram registrados 700 desastres naturais, sendo 593 deles causados por ações humanas, como a queima de combustíveis fósseis e a destruição de florestas, segundo Vilmar Berna (2010). Mais recentemente, o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) alertou que as emissões de carbono, entre 2010 e 2019, foram as mais altas da história da humanidade, o que ameaça tornar o planeta inhabitável caso providências urgentes não sejam tomadas (ONU, 2022). Esse contexto evidencia que não se trata somente de decisões técnicas ou obras isoladas, mas de uma lógica estruturante que precisa ser enfrentada por meio da participação crítica da sociedade.

Atualmente, a Sorocaba enfrenta um crescimento populacional exorbitante: o Censo de 2022 mostrou que a cidade cresceu 312% em 52 anos, concentrando mais

habitantes que sete capitais do país (Scinocca, 2023). Nesse contexto, Garcias e Afonso (2013) alertam para os diversos problemas derivados de um desenvolvimento urbano sem sustentabilidade, pautado pela expansão imobiliária e industrial. Entre os principais impactos, destaca-se a degradação dos rios urbanos, que passaram a receber poluentes e resíduos, tornando-se focos de doenças e outros riscos à saúde pública. Soma-se a isso a implementação de projetos urbanos motivados por interesses econômicos, muitas vezes desarticulados do planejamento urbano e ambiental, comprometendo a qualidade de vida da população, como é o caso do projeto da marginal direita, um plano com mais de 40 anos que prevê a construção de uma avenida de 1.800 metros de extensão, com pistas duplas, calçadas e ciclovia (Ferranti, 2024). Embora apresentado como obra de mobilidade urbana, o projeto ameaça diretamente a fauna e a flora do entorno do rio Sorocaba, além de comprometer a saúde ambiental da cidade como um todo.

Em um cenário onde a devastação do rio é não somente consequência, mas parte de um projeto político deliberado, torna-se preciso observar as estratégias da população que se mobiliza para evitar o problema — especialmente aquelas realizadas pelo povo, fora dos canais institucionais de poder.

Nesse contexto, o Movimento Justiça Climática (MJC) surge como uma resposta articulada da sociedade civil à lógica de destruição ambiental promovida pelo poder público. Trata-se de um movimento social popular, compreendido, conforme Cicília Peruzzo (2024, p. 205), como “organizações constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e se organizam para reivindicá-los quando estes não são efetivados na prática”. Com base nessa perspectiva, o MJC busca abrir diálogo com a população e com o poder público, propondo não apenas ações emergenciais, mas também transformações estruturais voltadas à justiça climática e à preservação dos bens comuns (Carta de Princípios, s.d.). Como movimento social popular, o MJC amplia a cidadania comunicacional ao desenvolver sua própria forma de comunicação e reivindicação ao se tratar da proteção do rio. Segundo Peruzzo (2024), a cidadania comunicacional vai além da liberdade de expressão e informação, ele envolve o poder de comunicar: decidir o que, como, para quem e em que meio comunicar, o que só se concretiza quando há acesso às estruturas e às tecnologias de comunicação, por parte das comunidades.

Assim, compreender as formas de comunicação utilizadas pelo MJC como expressões folkcomunicacionais não apenas amplia a leitura sobre o movimento, como evidencia o papel central da cultura popular na luta por justiça socioambiental. Criado por Luiz Beltrão em 1967, a folkcomunicação se refere à comunicação popular desenvolvida fora dos meios institucionais, enraizada nas expressões, narrativas e práticas do povo que, como destacam Postali e Rovida (2025), permite que grupos sociais historicamente marginalizados construam suas próprias narrativas, mobilizem suas redes e reivindiquem direitos com base em sua vivência e em seus modos de expressão cultural.

Com base na metodologia de etnografia na cidade (Magnani, 2002), foram acompanhadas as ações do movimento entre outubro de 2024 e abril de 2025, tanto nas redes sociais (Instagram e WhatsApp) quanto em duas manifestações presenciais realizadas em Sorocaba. A partir dessa observação, foi possível reconhecer as expressões do MJC como práticas concretas de folkcomunicação, por mobilizar múltiplos gêneros e formatos simbólicos, conforme a taxonomia proposta por José Marques de Melo (2005).

De acordo com Melo (2013), os gêneros da Folkcomunicação são classificados em (a) oral, que se refere aos canais auditivos por meio de códigos verbais/ musicais, (b) visual, canal óptico que envolve os códigos linguísticos/ pictóricos, (c) icônica, canais óptico e tátil, que se referem aos códigos estéticos e funcionais, e (d) cinética, que envolve os múltiplos canais, incluindo os códigos gestuais e plásticos.

A partir de Melo (2013), as ações comunicacionais do MJC podem ser observadas a partir do gênero (a) oral, utilizado, especialmente, nas manifestações e outros eventos, por meio de interações interpessoais e grupais com o auxílio de megafones. Cabe ressaltar que as falas mais estruturadas nos atos se aproximam do formato prosa, no tipo sermão, especialmente quando o discurso assume tom didático e de conscientização social. Durante a manifestação contra a marginal direita realizada no dia 27 de abril de 2025, ao final do ato, participantes foram convidados a se pronunciar publicamente. Houve recitação de poesias, o que se enquadra no formato verso, além de canções autorais compostas para o rio, caracterizando o formato música, que reforçam a identidade simbólica do rio como “sujeito vivo e digno de defesa”, como indica Krenak (2019). Também foram ouvidas falas vindas de representantes de outros movimentos sociais, como o movimento de mulheres e o movimento negro, reafirmando o caráter plural e horizontal da comunicação ali exercida. Destaca-se, ainda, a presença de discursos de

natureza religiosa, como a fala de uma representante da Pastoral Ecológica, que citou São Francisco como símbolo da “inteligência verde” e defendeu que preservar o rio - este que é ser vivo e está vivo - é, também, uma missão cristã.

O gênero (b) visual, ocorre com o uso de cartazes e faixas confeccionados manualmente, com destaque para o tipo cartaz. No formato pictográfico, estão as faixas pintadas à mão com slogans e ilustrações ativistas. Também estão presentes no gênero visual os formatos impresso e escrito, como os panfletos distribuídos nos encontros presenciais e os textos compartilhados nas redes digitais, contendo linguagem acessível e estética artesanal.

No gênero da folkcomunicação cinética, destaca-se a realização de eventos como saraus, blocos de carnaval e ceias coletivas — práticas que se enquadram nos formatos celebração, distração e festejo, a exemplo de bloco carnavalesco, quermesse e festa natalina, conforme categorização de Melo (2013). Nesses encontros, há a utilização, também, das categorias oral e visual.

A leitura das expressões comunicacionais do MJC a partir da taxonomia da Folkcomunicação, demonstra que a folkcomunicação, longe de ser somente um conceito analítico, é uma prática viva, reconfigurada no contexto urbano, rural e digital contemporâneo. Sua força está em articular o saber comum às tecnologias acessíveis, convertendo expressões populares em estratégias de enfrentamento político. Como argumenta José Marques de Melo (2005), a folkcomunicação constitui uma instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, mas também uma forma astuta de negociação simbólica, que se inscreve no cotidiano das classes subalternas como resistência e criação.

Destaca-se, nas expressões do MJC, a Folkcomunicação oral que combina música, poesia, fala política e religiosidade popular. Tal prática exemplifica, de forma concreta, a riqueza da oralidade popular em contexto de luta, evidenciando como a folkcomunicação é utilizada não apenas como estratégia de mobilização, mas também como espaço simbólico de encontro entre diferentes saberes, crenças e vivências.

Ao retomar formas ancestrais de expressão e adaptá-las ao presente, o MJC não apenas comunica: ele disputa sentidos, forma sujeitos e constrói alternativas possíveis em um mundo ameaçado pela lógica destrutiva do capital.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo. **Saae joga esgoto irregular em trecho do Rio Sorocaba diariamente há 18 meses.** Portal Porque, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://www.portalporque.com.br/sorocaba-regiao/saae-joga-esgoto-irregular-em-trecho-do-rio-sorocaba-diariamente-ha-18-meses/>. Acesso em: 18 mar. 2025.
- BERNA, Vilmar. S. Demamam. **Comunicação Ambiental:** reflexões e práticas em educação e comunicação ambiental. São Paulo: Paulus, 2010.
- CAMARGO, Vinicius. **Qualidade da água do Rio Sorocaba cai para ruim, indica Cetesb.** Jornal Cruzeiro do Sul, [s.d.]. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2022/03/690635-qualidade-da-agua-do-rio-sorocaba-cai-para-ruim-indica-cetesb.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- FERRANTI, Vanessa. **Ministério Público instaura inquérito para investigar obras da marginal direita do Rio Sorocaba.** Jornal Cruzeiro do Sul, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2024/07/735977-ministerio-publico-instaura-inquerito-para-investigar-obras-da-marginal-direita-do-rio-sorocaba.html#:~:text=A%20marginal%20direita%20do%20rio,est%C3%A1%20descrita%20n%C3%A3o%20Plano%20Diretor>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- GARCIAS, C. Elo; AFONSO, Augusto Callado J. Revitalização De Rios Urbanos. **Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias Ambientais**, v. 1, n. 1, p. 131–144, 2013. Disponível em: DOI:10.9771/gesta.v1i1.7111. Acesso em 22 set. 2025.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v.17, n.49, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- MANFREDINI, Fábio Navarro., GUANDIQUE, Manuel Enrique Gamero., ROSA, André Henrique. **A história ambiental de Sorocaba** [recurso eletrônico]. Sorocaba: Unesp – Câmpus Experimental de Sorocaba, 2015. Disponível em: <https://www.sorocaba.unesp.br/Home/Eventos191/historia-ambiental-editora-ebook.pdf> Acesso em: 30 mai. 2025.
- MARQUES DE MELO, José. Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos. Comunicação apresentada ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM/UERJ), Rio de Janeiro, em 6-9 set. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R3094-1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- MARQUES DE MELO, José. Taxionomia da Folkcomunicação. In: MELO, J. M. de; FERNANDES, G.M. **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.
- MOVIMENTO JUSTIÇA CLIMÁTICA SOROCABA. **Carta de Princípios.** Sorocaba, s.d. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1yx8pjnPTrnodSWHQmTyKNu06yhMd2Skv/view?usp=sharing>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MOVIMENTO JUSTIÇA CLIMÁTICA. **Instagram**: perfil oficial. [S.l.]: Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/sorocabapeloclima/> Acesso em: 07 jun. 2025.

PERUZZO, Cítilia Maria Krohling. **Fundamentos teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa** [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Edufes, 2024

POSTALI, Thífani; RODOVIA, Mara Ferreira. Chavoso da USP: um sujeito periférico e ativista midiático na cultura digital. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 3, p. 193-208, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/231839>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ONU. **Relatório climático da ONU**: estamos a caminho do desastre, alerta Guterres. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/176755-relat%C3%B3rio-clim%C3%A1tico-da-onu-estamos-caminho-do-desastre-alerta-guterres>. Acesso em 22 nov. 2024.

SCINOCCA, Marcel. Censo 2022: **Sorocaba cresce 312% em 52 anos e tem mais habitantes que 7 capitais do Brasil. 2023**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/07/04/censo-2022-sorocaba-cresce-312percent-em-52-anos-e-tem-mais-habitantes-que-7-capitais-do-brasil.ghml>. Acesso em 22 nov. de 24.

SAAE, Serviço Autônomo De Água E Esgoto De Sorocaba. **Coleta e afastamento**. Disponível em: <https://www.saaesorocaba.com.br/esgoto/#:~:text=O%20Programa%20de%20Despolui%C3%A3o%20do,aproximado%20de%20R%24%202000%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 31 maio 2025.